

O TRABALHO INFORMAL NA “ASSOCIAÇÃO MATOGROSSENSE DOS ARTESÃOS”

Michele Bruno Ramirez

Problemática

O trabalho informal na “Associação Matogrossense dos Artesãos” inserido no modo de produção capitalista como resistência à exclusão do mercado formal.

Objetivos

Nesse intento, pretendemos identificar a produção de saberes e experiências cotidianamente utilizadas, enquanto resistência à exclusão, para garantir a produção da vida e incitar possíveis reflexões sobre as condições de trabalho e de vida desses homens e mulheres.

Metodologia

Fundamentamos no materialismo histórico-dialético que pressupõe partir de uma realidade histórica e material para atingirmos a construção de saberes e experiências; e como abordagem aos trabalhadores, a pesquisa qualitativa utilizando como técnicas a observação sistemática, a aplicação de questionário aberto e entrevistas semi-estruturadas.

O trabalho informal no modo de produção capitalista

A constituição do trabalho informal no Brasil é um processo histórico que se pode dividir entre dois períodos: o período de escravização até 1930 (criação da carteira de trabalho) e de 1930 aos nossos dias, período este que o impacto organizacional e estrutural do capitalismo interfere diretamente na vida de trabalhadores, colocando-os na formalidade ou informalidade, acontecendo o que Ianni (2004) denunciou: “a industrialização, a urbanização, a migração interna e outros processos reabrem o problema do desenvolvimento desigual e combinado” (IANNI, 2004, p. 55).

E, enquanto classe, o trabalho informal participa direta ou indiretamente do núcleo capitalista:

nesta sociedade, por mais independente que o indivíduo acredite ser, o mercado se encarrega de lhe demonstrar a inexistência dessa possibilidade, pois são poucas as ações dos homens que não implicam trocas. Todos, ricos ou pobres, repetimos, nascem, comem, dormem, habitam, estudam, morrem capitalisticamente (TAVARES, 2004, p. 203).

Contudo, mesmo estando participando da estrutura capitalista, de alguma maneira, estes trabalhadores constroem bases de resistência à exclusão e ao desemprego no sistema capitalista.

Associação Matogrossense dos Artesãos

A ‘Associação’ está situada no centro de Cuiabá e existe a cerca de 20 anos. E para trabalhar na associação, cada ‘banca’ tem que, necessariamente, produzir algum tipo de artesanato ou arte culinária. Já ao seu público é diversificado: “são pessoas de todos os tipos desde mendigo a advogado, polícia, funcionário publico” (Gerê). Quanto às suas condições de trabalho: “é meio precária, quando chove trabalhamos dentro da água, a água do telhado da igreja cai lá e sai aqui, enche tanto de água que às vezes atravessa a rua. Temos muita dificuldade com banheiro” (Tieta).

Contudo, tem seu lado positivo. Para André, “todos os dias tenho dinheiro, não preciso esperar um mês para ter salário”. A segurança de ter dinheiro, em uma sociedade que quem tem dinheiro é ter poder, é o relevante. E já para Gerê: “me dá liberdade de trabalhar do jeito que eu quero”. Esta liberdade dá autonomia de trabalhar do jeito que o trabalhador se sente melhor, sem regras, imposições, controle, pressão, ou seja, sem alienar o ‘saber fazer’. A informalidade para esses trabalhadores é um meio de sobrevivência, autonomia e geração de renda:

hoje em dia é um meio de sobreviver, sem trabalho não tem renda, sem renda é muito difícil porque você tem que comer, beber, vestir, tem que ter um meio de locomoção, carro, moto, sobrevivência mesmo, sem trabalho não entra o dinheiro e sem dinheiro você não é nada (Gerê).

Na sociedade do consumo em que você é obrigado a ter dinheiro para sobreviver é essencial, na sociedade capitalista, o trabalho: “é a vida se não, não teria como sobreviver, não sei fazer outra coisa, é tudo sem ele eu não sobrevivo, primeiro a saúde depois ele, é a vida né” (Tieta).

Contudo, as contradições são inerentes a esta condição de informalidade e nestas condições a convivência com a instabilidade, lhe é inerente:

muitas vezes trabalhamos na incerteza de poder trabalhar, porque já fomos ameaçados de tirar, sem ter outro lugar pra poder trabalhar. Não tem a quem recorrer, pois ninguém te ouve e nem apoia. Às vezes dá uma apertada e você fica indeciso, será? (Eudilza)

A informalidade desenvolve, como essa acima, diversas experiências: “a experiência que eu tenho é de trabalhar, não tem outra. Minha vida toda foi só trabalhar, aprendi independência, coragem, lidar com as pessoas” (Tieta). São nestas relações com suas condições históricas que pode-se relacionar à reflexão de Thompson (1987, p.10): “a experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente”.

São nestas experiências, que partem de sua história singular e social que a subversão à dependência ao sistema é aprendida, ou seja, na construção de saberes e experiências à margem deste sistema que a resistência é fundamentada: “aprendi fazer tapioca com minha mãe que é de Cáceres e foi criada na roça” (Tieta). Um exemplo é que em suas rotinas de trabalho se desenvolvem saberes administrativos de acordo com a necessidade diária:

vamos todos os dias em mercados de três a quatro por dia, o cálculo é perceptível não tem planilha para estabelecer, se eu fosse fazer planilha eu ia ficar louco porque o preço oscila demais se você consegue pagar dívida do que você compra é lucro. (José)

Conclusão

E diante à ofensiva do capital, com sua postura de exploração de empregados, de criação de desemprego estrutural fazendo um grande exército de reserva, a atividade destes trabalhadores informais, trazendo ao seu cotidiano suas experiências e saberes, cria condições, às vezes frágeis ou não, a resistirem àquela ofensiva.

Referências

ANTUNES, Ricardo. (organizador). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Mundialização do Capital - A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização**. Londrina: Praxis, 1999.

IANNI, Octavio. **Estado e capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

POCHMANN, Marcio. **O emprego na globalização**. São Paulo: Boitempo, 2001.

RICARDO, Antunes L. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista. Informalidade e Precarização Capitalista.** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa III. A força dos trabalhadores.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.